

A INTERFERÊNCIA DO VIGILANTISMO DE BATMAN NAS AÇÕES DA POLÍCIA EM “GOTHAM DPGC”

BATMAN VIGILANTISM INTERFERENCE WITH POLICE ACTIONS AT “GOTHAM CENTRAL”

Lucas Garcia Juaçaba Parente,

Daniel Camurça Correia

RESUMO

Busca-se com este artigo analisar a interferência que um sujeito externo, Batman, vigilante e fora-da-lei, causa em um Departamento de Polícia em uma cidade fictícia, nos EUA, usando como base a história escrita por Greg Rucka e Ed Brubaker, com desenhos de Michael Lark, no arco *No Cumprimento do Dever*, do quadrinho *Gotham DPGC*. A revista tem como protagonistas os detetives da Unidade de Crime Graves da cidade de Gotham, que precisam lidar com a interferência direta e indireta do Batman em seus trabalhos. Dessa forma, este artigo analisa essa interferência de acordo com as leis do estado de Nova Jersey, onde Gotham City está localizada, e desconstrói o arquétipo do “maior detetive do mundo” de um criminoso questionável psicologicamente, vestindo fantasia de morcego.

Palavras-chave: Batman; História em Quadrinhos; Polícia; Vigilantismo;

ABSTRACT

This article attempts to analyze the interference that an external subject, Batman, an outlaw vigilante, causes in a police department, based on the story written by Greg Rucka and Ed Brubaker, with drawings by Michael Lark, in the “In the Line of Duty” arc of the comic “Gotham Central”. The magazine features detectives from the Grave Crime Unit in Gotham who have to deal with Batman’s direct and indirect interference in their work. Thus, this article analyzes this interference according to the laws of the state of New Jersey, where Gotham City is located, and deconstructs the archetype of “world’s greatest detective” into a mad criminal in a bat fantasy.

Keywords: Batman; Comic Book; Police; Vigilantism;

INTRODUÇÃO

O ano era 1938 quando Jerry Siegel e Joe Shuster renovaram as Histórias em Quadrinhos, criando um conceito de personagem nunca antes visto naquelas páginas, assim, em Abril daquele ano, a *National Comics*, empresa que viria a se tornar a popular *DC Comics*, publicou a *Action Comics #1* nos Estados Unidos, estampando na capa o primeiro super-herói criado, Superman.

A *Action Comics #1* reunia diversas pequenas histórias, simples e rápidas do bem derrotando o mal, se tornando um sucesso entre as crianças da época, e curiosamente, segundo as pesquisas de Glen Weldon, no livro *Superman: Uma Biografia não Autorizada*, um sucesso também entre as trincheiras da Segunda Guerra.

Os quadrinhos [...] eram adequados a natureza “corre e espera” da vida militar, fáceis de transportar e trocar, com histórias bizarras [...] e podiam ser devoradas rapidamente. O *New York Times* publicou na época que uma a cada quatro revistas enviadas aos soldados no exterior todos os meses era em quadrinhos, e 35 mil delas eram do *Superman*. (WELDON, 2016, 73)

No ano seguinte, 1939, pelas mãos de Bob Kane e Bill Finger, nas páginas da *Detective Comics #27*, nasce o herói tema deste artigo, o *playboy* bilionário vigilante de *Gotham City*, Bruce Wayne, Batman. Apesar de inicialmente suas histórias terem teor mais sombrio, como acontecem hoje em dia, na época o personagem precisou ser reformulado para se identificar mais com seu público alvo, as crianças. Dessa forma, após o surgimento do primeiro *sidekick* das HQs, o primeiro Robin, Dick Grayson, as Histórias em Quadrinhos do homem morcego ganharam o mesmo teor das do último filho de Krypton.

Pode-se dizer que durante toda a Era de Ouro, 1938 a 1955, e mesmo durante a Era de Prata, 1956 até a década de 70, com a reinvenção de diversos personagens da *DC Comics* e o surgimento da *Marvel Comics*, as Histórias em Quadrinhos tinham como alvo o público infantil. Foi somente na Era de Bronze que essa visão editorial começou a mudar.

A abordagem mais realista do mundo começou, e as HQs passaram a dar mais importância aos personagens das minorias raciais e sociais nos EUA. O primeiro sinal veio pelas mãos do roteirista Dennis O’Neil e do desenhista Neal Adams, na parceria que fizeram entre o *Arqueiro Verde* e o *Lanterna Verde*, na *DC Comics*, ressaltado por Leandro Luigi Del Manto no prefácio de *Supremo: A Era de Bronze*. (DEL MANTO, 2019)

Na *Estrada* apresenta Hal Jordan, como o homem da lei, o policial intergalático que era como um *Lanterna Verde*, um homem que divide a realidade entre o Bem e o Mal, simbolizando a moral da Era de Prata. Mas o *Arqueiro Verde*, o bilionário Oliver Queen, mostra que a realidade não é tão simples assim, e representa a mudança dos novos tempos. (O’NEIL, 2017)

Um retrato disso acontece no começo da história, quando o *Lanterna Verde* ajuda o dono de um imóvel a despejar as pessoas que o ocuparam de maneira ilegal. O

Arqueiro mostra que a realidade é um pouco mais complexa: o dono do imóvel quer transformá-lo em um estacionamento, despejando todos os moradores, sendo que as condições nas quais ele mantinha o prédio eram deploráveis (O'NEIL, 2017). Essa situação inicial, e outras ao decorrer da história destacam a mudança de abordagem das HQs, tentando acompanhar o amadurecimento de seu público.

Foi somente na década de 80 que a abordagem atual que se conhece das HQs começou, durante a chamada Era Moderna. O grande marco que proporcionou a mudança de ares nos Estados Unidos foi a vinda de escritores de um mercado muito mais bem estruturado e amadurecido, a Europa.

Assim, comandada por Karen Berg, editora da DC Comics, que posteriormente já havia trazido para a América o fenômeno Alan Moore, ocorreu a primeira “Invasão Britânica”, como citado pela revista *Slate*, na reportagem *Please, Sir, I Want Some Moore* (WOLK, 2003). Por conseguinte, Berg trouxe escritores britânicos como Neil Gaiman, Jamie Delano e Grant Morrison, para reinventar personagens e equipes da *DC Comics* com total liberdade criativa.

Ao Alan Moore foi concedido o *Monstro do Pântano*, e foi nesse título em específico que tudo mudou, Moore ousou tanto em suas histórias que a DC resolveu criar um selo editorial próprio para publicar as histórias dos britânicos. Assim, nasceu o primeiro selo de publicações adultas dos EUA, a *Vertigo*. Dessa forma, os britânicos começaram seus trabalhos, Gaiman ficou responsável por *Sandman*, Morrison escolheu o *Homem-Animal*, e Delano ficou com *Constantine*, personagem criado por Moore em *Monstro do Pântano*. (MCCLOUD, 2005)

Na *Vertigo* nada era como antes, todas as restrições que existiam na linha regular da DC eram passado. Os roteiristas tinham total liberdade criativa e só respondiam a sua editora, Karen Berg. Temas nunca pensados que seriam temas de algo que outrora possuía como público alvo as crianças agora eram comuns, como sexo, racismo, demônios, política, preservação ambiental, tabagismo, nudez e, claro, além de tudo isso, o roteiro era muito mais complexo do que o visto em uma história mensal do Flash, por exemplo. (GUIA DOS QUADRINHOS, 2020)

O impacto foi tanto que as histórias da *Vertigo* passaram a repercutir na linha regular da DC, praticamente não se viam mais roteiros bobos e simples, isso é principalmente percebido em histórias como *Watchmen*, *Cavaleiro das Trevas* e o *O Longo dia das Bruxas*.

Entretanto, mesmo atualmente, depois de todo o amadurecimento das Histórias, as pessoas ainda insistem a enxergar as HQs como material infantil, mesmo com histórias

de cunho filosófico elevado e de máximo de desenvolvimento de escrita, como o já citado *Sandman*, de Neil Gaiman. Até mesmo o mundo acadêmico, fora da Comunicação, tem dado pouca importância aos quadrinhos como material de pesquisa, como descreveu Will Eisner em seu livro *Quadrinhos e Arte Sequencial*.

Por motivos que têm muito a ver com o uso e a temática, a Arte Sequencial tem sido geralmente ignorada como forma digna de discussão acadêmica. Embora cada um dos seus elementos mais importantes, tais como design, o desenho, o cartum e a criação escrita, tenham merecido consideração acadêmica isoladamente, esta combinação única tem recebido um espaço bem pequeno (se é que tem recebido algum) no currículo literário e artístico. Creio que tanto o profissional como o crítico são responsáveis por isso. (EISNER, 2010)

Após todo o contexto histórico a respeito de como as Histórias em Quadrinhos deixaram de se destinar, quase que exclusivamente, às crianças, e passaram a abranger diversos públicos, apresenta-se o tema do presente artigo. *Gotham DPGC*, no original *Gotham Central*, é uma história escrita em parceria por Ed Brubaker e Greg Rucka e desenhada por Michael Lark, com uma abordagem peculiar, apesar de fazer parte do núcleo do Batman, o homem-morcego é um personagem omissos na história, fazendo somente poucas e pontuais aparições.

Gotham DPGC (2003-2006) é um Quadrinho que possui 15 arcos (o equivalente a capítulos em um livro), sendo eles: *No Cumprimento do Dever* (edições #1 e #2); *Motivo* (#3 a #5); *Meia Vida* (#6 a #10); *Sonhando Acordada* (#11); *Alvos Fáceis* (#12 a #15); *A Vida é cheia de Armadilhas* (#16 a #18); *Não Resolvido* (#19 a #22); *Corrigan* (#23 e #24); *Apagar das Luzes* (#25); *Sexo, Segredos & Chibatadas* (#26 e #27); *Konexão Keystone* (#28 a #31); *Natureza* (#32); *Robin Morto* (#33 a #36); *Domingo Sangrento* (#37); e *Corrigan II* (#38 a #40). É apresentado na história o funcionamento do Departamento de Polícia de Gotham City e aos seus detetives da Unidade de Crimes Graves, que trabalham em parceria com o Batman e prendem os supercriminosos de Gotham.

Dessa forma, de modo a facilitar a análise da série, este artigo irá se concentrar na análise do primeiro arco da HQ, *No Cumprimento do Dever*, onde os detetives precisam capturar o famoso vilão do homem morcego, Victor Fries, Senhor Frio, que está congelando pessoas em Gotham City e pretende usar sua tecnologia criogênica para atacar algum lugar ainda não revelado pelo vilão.

Os policiais, então, concentram seus esforços em solucionar o caso e encontrar o paradeiro de Fries, e pretendem fazer isso sem acionar o batsinal e pedir ajuda ao cruzado encapuzado, pois, nas primeiras páginas do arco, Frio congela e mata o detetive Charlie Fields na frente de seu parceiro, o detetive Marcus Driver. (BRUBAKER; RUCKA, 2015, 12)

Durante o decorrer da história, Rucka e Brubaker mostram pequenas cenas dos detetives investigando o caso e fazendo interrogatórios dentro do DPGC e também por Gotham. Ao fim, quando o detetive Driver descobre, por acaso, onde será o ataque do Sr. Frio, eles percebem que não irão conseguir lidar sozinhos com o problema. Assim, a contragosto, Driver pede ao comissário Michael Akins para acionar o batsinal e pedir a ajuda do Batman para prender o vilão.

Neste sentido, o objetivo deste artigo é estudar o comportamento e a interferência causada pelo Batman na mecânica policial, principalmente tratada no quadrinho estadunidense, *Gotham DPGC*.

O motivo da pesquisa é identificar um assunto que não costuma ser questionado pelos leitores de Histórias em Quadrinhos, como e quando os super-heróis e vigilantes ajudam e interferem na mecânica policial de suas cidades, estados ou países, e a interferência que causam em questões políticas e jurídicas, analisando assim, as consequências reais de suas ações. Assim, abordando o problema em como os produtores de *Gotham DPGC* entendem a possível interferência de um justiceiro dentro de um Departamento de Polícia.

Quanto à questão metodológica, para este artigo, na metodologia foi realizada pesquisa bibliográfica e análise da história em Quadrinhos *Gotham DPGC*, constituído por um arco de duas revistas, escrita por Ed Brubaker e Greg Rucka, distribuída no Brasil pela editora Panini Comics, e publicada originalmente nos Estados Unidos pela DC Comics.

Lápis, borracha & tintas, quem são os autores e quais suas intenções?

Ed Brubaker, nascido em 17 de novembro de 1966, nos Estados Unidos, é um renomado roteirista de Quadrinhos, um de seus principais destaques é seu trabalho em *Capitão América*, iniciada em janeiro de 2005, se destacando pela morte de Steve Rogers e sua substituição pelo Soldado Invernal, que assumiu o manto de Capitão após a

morte do amigo¹. Também vale citar sua passagem em *Demolidor*, tendo entrado em 2006, explorando as ramificações da prisão do personagem². Em *Mulher-Gato*³, quando Brubaker revitalizou a personagem em *Detective Comics* e, posteriormente, em uma série própria, em 2004; e, claro, seu trabalho que encabeça este artigo, *Gotham DPGC*.

Seu parceiro é Greg Rucka, nascido em 29 de novembro de 1969, nos Estados Unidos, também é um renomado roteirista de Quadrinhos e também de novelas, alguns de seus trabalhos de destaque é a criação da personagem Batwoman, a ex-militar Kate Kane, na maxis-série 52, lançada em 2006 na *DC Comics*⁴. *Mulher-Maravilha* de 2016, na revitalização geral da DC, o chamado *Renascimento*⁵; sua fase no Batman durante o evento *Terra de Ninguém*⁶, em 1999; a minissérie *Mulher-Maravilha: Hiketeia*⁷, pelo qual foi indicado ao Prêmio Eisner; e, claro, seu trabalho que encabeça este artigo, *Gotham DPGC*.

Dessa forma, aquilo que os leitores mais amam nas HQs, levou estes dois roteiristas a trabalharem juntos, um *crossover*. Em 2001, tanto Brubaker como Rucka colaboraram no crossover *Officer Down* realizado nas revistas do homem morcego (mais especificamente: *Batman*, *Robin*, *Birds of Prey*, *Catwoman*, *Nightwing*, *Detective Comics* e *Gotham Knights*), e nele os autores escreveram um piloto do que viria a ser *Gotham DPGC*, pois a presença da investigação policial no crossover é significativa. (BRUBAKER; RUCKA; DIXON, 2008)

Após o fim, Brubaker e Rucka continuaram com a ideia de contar ainda mais histórias onde o Departamento de Polícia de Gotham City fosse parte central da trama, como eles já faziam nas histórias que escreviam em *Batman* e em *Detective Comics*.

Foi dessa forma que surgiu a ideia de *Gotham DPGC*, uma série na qual a polícia realmente fosse a protagonista, praticamente uma série de TV ao estilo *CSI*, mas ambientada na cidade que deve ser a mais perigosa para se viver na cultura pop, Gotham City. Greg Rucka resumiu bem o tema do quadrinho em uma frase, em uma entrevista realizada pelo site Comics Alliance, em 2014, sobre a revista: “É sobre super-heróis que nunca são vistos.”⁸.

¹ BRUBAKER, Ed. *Capitão América: O Homem que Comprou a América*. São Paulo: Panini Books, 2014.

² BRUBAKER, Ed. *Demolidor: O Demônio do Pavilhão D*. São Paulo: Panini Books, 2018.

³ BRUBAKER, Ed. *Mulher-Gato: Um Crime Perfeito*. São Paulo: Eaglemoss, 2016.

⁴ RUCKA, Greg. 52: O Fundo do Poço. São Paulo: Panini Books, 2007.

⁵ RUCKA, Greg. *Mulher-Maravilha: Renascimento 01*. São Paulo: Panini Books, 2017.

⁶ RUCKA, Greg. *Batman: Terra de Ninguém Parte 1*. São Paulo: Eaglemoss, 2016.

⁷ RUCKA, Greg. *Mulher-Maravilha: Hiketeia*. São Paulo: Panini Books, 2003.

⁸ “It’s about superheroes who are never seen.” SIMS, Chris. *Batman is a fact of life: Greg Rucka reflects on his Batman work, part three*. Comicsalliance.com. Disponível em: <<https://comicsalliance.com/batman-greg-rucka-gotham-central-interview-retrospective-part-three/>>. Acesso: 24 jun. 2019.

Na época em que ambos ainda estavam escrevendo a revista, o site CBR realizou uma entrevista com Brubaker. Nela, ele descreveu *Gotham DPGC*: “A ideia principal é basicamente sobre como é ser um policial em uma cidade com o Coringa, o Chapeleiro Louco, o Espantalho, e, você sabe, um Bat-Sinal no telhado para quando você precisa chamar a cavalaria”⁹. Outro aspecto explorado ao longo da história é a relação dos detetives da Unidade de Crimes Graves com o Batman e suas opiniões a respeito do vigilante mascarado, como Brubaker destaca.

Como são as cenas de crime, como os policiais se sentem em relação ao Batman? Coisas assim. É uma maneira de olhar Gotham de uma perspectiva diferente e uma maneira de fazer procedimentos policiais baseados em personagens de quadrinhos, tudo ao mesmo tempo. (tradução livre)¹⁰

O primeiro arco de estreia da revista foi escrito em parceria pelos dois, sendo *No Cumprimento do Dever*, no qual os detetives do Departamento de Polícia de Gotham City se unem para resolver um mesmo caso o mais rapidamente possível, capturar o vilão Senhor Frio, que congelou e despedaçou um dos policiais da história, e planeja atacar um local misterioso na cidade.

O unusual da história é a relutância do detetive Marcus Driver, parceiro do detetive assassinado, em deixar o comissário de polícia acionar o batsinal no terraço do DPGC e convocar o Batman para prender seu super-vilão, pois acredita ser a única forma de honrar seu parceiro. É claro que, como normalmente acontece em uma história do homem morcego, ele precisa intervir e fazer o trabalho que os policiais não conseguem fazer, já que os detetives descobrem o local do ataque em cima da hora e entendem que não conseguirão lidar com o Frio sozinhos e decidem acionar o batsinal.

No segundo arco, intitulado *Motivo*, no qual Marcus Driver se encarrega de resolver o último caso de seu ex-parceiro, que envolve o sequestro e a morte de uma adolescente e o envolvimento surpresa do super-vilão Vagalume. (BRUBAKER; RUCKA, 2015)

E por fim, o primeiro encadernado publicado no Brasil, pela Panini Comics, se encerra com o arco *Meia Vida*, no qual a detetive Renee Montoya é sequestrada pelo ex-promotor de Gotham, Harvey Dent, também conhecido como o super-vilão e mafioso,

⁹ SINGH, Arune. *The Beat (Part 1)*: Ed Brubaker talks 'Gotham Central'. CBR.com. Disponível em: <<https://www.cbr.com/the-beat-part-1-ed-brubaker-talks-gotham-central/>>. Acesso: 22 jun. 2019.

¹⁰ “What are the crime scenes like, how do the cops feel about Batman? Stuff like that. It’s a way to look at Gotham from a different perspective, and a way to do character driven police procedurals in comics all at the same time.” SINGH, Arune. *The Beat (Part 1)*: Ed Brubaker talks 'Gotham Central'. CBR.com. Disponível em: <<https://www.cbr.com/the-beat-part-1-ed-brubaker-talks-gotham-central/>>. Acesso: 22 jun. 2019.

Duas Caras. O desafio dos policiais, então, é resgatar sua companheira do covil secreto de Dent, porém, sem conseguirem descobrir o paradeiro de Montoya, seu parceiro, Crispus Allen, é surpreendido quando o Batman aparece disfarçado no DPGC, engana Allen, fazendo-o dar pistas sobre a investigação e, depois, segui-lo, ao resolver o mistério que todo o DPGC não conseguiu, libertando Renee de seu cativeiro.

E é isso que torna toda a revista tão interessante aos leitores, poder observar toda a mecânica policial e jurídica, normalmente assuntos de séries de TV estadunidenses, dentro de um contexto que eles já são familiarizados e com personagens cujo possuem apreço, como a detetive Montoya e o detetive Allen, o ex-comissário Gordon e o ex-detetive Bullock, e, principalmente, o Batman e seus vilões.

Gotham DPGC apresenta, ainda, uma característica especial. Por conta do fato de a revista possuir dois escritores, Brubaker e Rucka tomaram a melhor decisão possível sobre como conduzir a HQ, a de dividir as histórias. Assim, o primeiro arco foi escrito em conjunto por ambos, mas a partir do segundo, as coisas mudam. Rucka fica responsável em escrever arcos protagonizados pelos detetives que atuam no turno do dia, e Brubaker ficou responsável pelas histórias do turno noturno, e todo ano os dois iriam se juntar para escrever uma história conjunta.

Bem, eu acho que com quaisquer dois escritores, mesmo se eles se dão bem, há ego envolvido. Eu gosto de escrever com Greg porque cada um de nós traz algo diferente para a mesa, e nós melhoramos as idéias um do outro várias vezes. Mas eu quero ser capaz de fazer minhas próprias coisas também vez ou outra, e tenho certeza que Greg sente o mesmo. Então nós tivemos a ideia de cada um escrever um turno separado, e, tipo, de ano em ano, nos juntarmos em um grande caso. Dessa forma, nós ainda temos que trabalhar juntos, mas não ficamos pisando um no pé do outro, e ninguém precisa ser o líder da banda. (tradução livre)¹¹

Vale ressaltar, também, a recepção dos leitores a um quadrinho tão diferente e unusual dentro da *DC Comics*. De acordo com Brubaker, em outra entrevista, dessa vez ao site *Comics Alliance*, a revista nunca chegou a figurar entre as *top 100* mais vendidas

¹¹ “Well, I think with any two writers, even if they get along, there is ego involved. I like to write with Greg because we each bring something different to the table, and we make each other’s ideas better a lot of the time. But I want to be able to just do my own thing sometimes, too, and I’m sure Greg feels the same way. So we came up with the idea of each writing a separate shift, and then once a year or so, getting together for a big case. That way, we still get to work together, but we don’t step on each other’s toes, and no one has to be the leader of the band.” SINGH, Arune. *The Beat (Part 1)*: Ed Brubaker talks ‘Gotham Central’. CBR.com. Disponível em: <<https://www.cbr.com/the-beat-part-1-ed-brubaker-talks-gotham-central/>>. Acesso: 22 jun. 2019.

do mês nos EUA. Porém, isso não significava que ela não vendesse bem, pois, nunca correu risco de ser cancelada.

[...] há algo que as pessoas sempre entendem errado sobre Gotham DPGC quando elas falam sobre o quadrinho. Ele realmente vendia muito bem. As pessoas sempre olham para trás e dizem que estava prestes a ser cancelada, mas nunca se falou em cancelamento, e ele costumava vender nos 20 mil. [...] Era um queridinho dos críticos muito mais do que um blockbuster de vendas, com certeza, mas nunca houve ninguém na DC dizendo "oh, estamos desperdiçando uma tonelada de dinheiro neste livro". Nunca houve perigo de ser cancelado. Ele era amado na DC. (tradução livre)¹²

Além do seu peculiar roteiro, *Gotham DPGC* também possui outro elemento que casa perfeitamente na história, como deve acontecer em todo clássico dos Quadrinhos, os desenhos de Michael Lark, ideal para o projeto.

Brubaker e Rucka revelaram que ambos esperaram quase um ano para que Lark estivesse disponível e pudesse desenhar a HQ, por acreditar que ele era o desenhista ideal para o trabalho. Brubaker fez questão de salientar, na entrevista ao CBR, o realismo que Michael proporciona em seus desenhos.

Um forte senso de contar histórias. A habilidade de fazer uma cena interessante, sutil e poderosa ao mesmo tempo. Quando você está fazendo um livro como este, com tantas falas, você precisa de um artista que possa fazer essas cenas dramáticas. Ele [Lark] também fica obcecado com os detalhes, o que eu adoro. Ele fez um mapa em 3D da sala do esquadrão para que ele soubesse onde tudo ficava e de todos os ângulos. (tradução livre)¹³

¹² "[...] there's something people get wrong about Gotham Central all the time when they talk about it. The book actually sold pretty well. People always look back on it and say that it was on the verge of cancellation, but there was never talk of canceling the book ever, and it usually sold in the 20,000s. At its absolute lowest, it was at 18,000 or 19,000, which was better than almost everything Vertigo was publishing at the time, other than maybe Fables. It was a critical darling much more than a sales blockbuster, for sure, but there was never anyone at DC going "oh, we're wasting a ton of money on this book." There was never any danger of it being canceled. It was beloved at DC." SIMS, Chris. *Ed Brubaker looks back on Batman*, part two: Gotham Central and The Man Who Laughs. Comicsalliance.com. Disponível em: <<https://comicsalliance.com/ed-brubaker-looks-back-on-batman-part-two-gotham-central-and-the-man-who-laughs/>>. Acesso: 24 jun. 2019.

¹³ "A strong sense of story-telling. An ability to make a scene interesting, subtle, and powerful at the same time. When you're doing a book like this, with so much talking, you need an artist who can make those scenes dramatic. He also obsesses on the details, which I love. He made a 3-D map of the squad room just so he'd know where everything was from all angles." SINGH, Arune. *The Beat (Part 1): Ed Brubaker talks 'Gotham Central'*. CBR.com. Disponível em: <<https://www.cbr.com/the-beat-part-1-ed-brubaker-talks-gotham-central/>>. Acesso: 22 jun. 2019.

Apesar de não ter trabalhado em todos os arcos, e sua última edição fazendo a arte interior ter sido a #25, Michael Lark foi parte vital de *Gotham DPGC*, com seus desenhos que ajudavam a passar o realismo que Brubaker e Rucka queriam na história, fazendo com que tudo realmente existisse no mundo real e fazer com que o leitor não questionasse o que estava acontecendo.

Lark também possui habilidade de conseguir fazer com que a violência, como uma pessoa congelada viva de dentro para fora, parece bonito e palatável aos olhos, contribuindo para a mensagem que a HQ desejava passar. Quem ressalta esse aspecto cultural, também muito presente nas produções televisivas é Lucas Soares, em seu artigo *Séries de TV e o Politicamente Incorreto: crítica à cultura norte-americana e suas facetas morais*:

[...] Por meio do discurso, a imagem consegue transmitir a mensagem que a produção deseja passar. O meio, ou melhor, um dos meios utilizados para passar esta mensagem através de produtos veiculados pela televisão é a violência, inserida no contexto dos enredos. Junto a ela vem o grotesco, midiaticizado através dos exageros imagéticos quase sempre intrinsecamente ligados à esta mesma violência. (SOARES, 2014)

É importante salientar que o presente artigo tem por meta questionar. Questionar as atitudes do Batman, questionar o comportamento dos policiais, e questionar as decisões e liberdades que os autores tomaram no decorrer da história.

Sonhando com morcegos, o primeiro arco da história

A história de *Gotham DPGC* começa no dia 26 de Junho, às 06:02h da manhã. Os detetives Marcus Driver e Charles Fields investigavam pistas, fora do seu horário de expediente, sobre um caso de sequestro que ambos estavam encarregados de resolver. Os parceiros sobem as escadas do prédio e batem na porta de um apartamento, avisando que a polícia estava ali, mas quem estava lá dentro era um super-vilão.

Victor Fries, o super-criminoso conhecido como Senhor Frio, atira com sua arma de tecnologia criogênica nos detetives, congelando as mãos de Driver e Fields por completo. Frio congela os pés de Marcus e o interroga, perguntando como os dois o haviam encontrado, e, se tremendo, Driver responde: “A gente não t-tava atrás de você... [...] acha que d-dois policiais... seriam doidos de te encarar sem nenhum reforço?” (BRUBAKER; RUCKA, 2015, 14). Senhor Frio debocha do detetive, dizendo então que

eles só deram “um pouco de azar”, e decide ensinar uma “lição” para Marcus antes de ir embora.

Assim, já nas três primeiras páginas da HQ os roteiristas já apresentam um *foreshadowing* na história, ou seja, Brubaker e Rucka insinuaram, na frase dita por Driver, algo que seria referenciado ao fim da história. O público não identifica de imediato, mas a dupla já estampa que a polícia não é capaz de lidar com um criminoso como o Senhor Frio, o que, em tese, “justificaria” a existência de um vigilante em Gotham, sendo ele o único capaz de lidar com tipos como ele. Em vários momentos da HQ os criadores não medem esforços ao tentar justificar a existência de um super-herói, na mesma medida que também não escondem a necessidade em reafirmar a ideia de que a polícia não tem pessoal, equipamentos, e ou mesmo inteligência para combater o crime.

Após a fuga de Frio as páginas mudam para o interior do prédio do Departamento de Polícia de Gotham City, mais especificamente, dentro da sala da Unidade de Crimes Graves (UCG), durante a troca de turnos dos detetives, saem os da noite, entram os do dia. Michael Lark desenha cenas dos detetives jogando conversa fora, até que a fatídica informação chega até a capitã Margaret Sawyer: dois policiais do turno noturno haviam sido feridos, Driver e Fields.

As páginas voltam a mostrar o hotel onde o Sr. Frio estava, mas agora com diversas viaturas e uma ambulância estacionada na frente, no quadro seguinte vê-se o corpo, do agora falecido, detetive Charles Fields congelado e mutilado, e Marcus está com os pés e mãos congeladas, preso em frente ao corpo do ex-parceiro. Alguns paramédicos o ajudam a se levantar e descem as escadas com ele até a ambulância.

Em seguida o detetive Crispus Allen e a detetive Renee Montoya chegam ao hotel, lá a capitã Sawyer avisa Renee que ela estava no comando da investigação e caçada ao Senhor Frio, e que os dois turnos estariam à disposição dela.

De volta ao prédio do DPGC, Driver está sentado no vestiário dos policiais, com as mãos enfaixadas, quando outro detetive entra no recinto, o sargento Jackson “Sarja” Davies, e conta uma história a Marcus. Ele diz que a morte de Charlie ter sido daquela maneira foi “irônica”, pois:

Quando Charlie veio para a Unidade de Crimes Graves, ele achou que seria uma bela gozação colocar o morcego no nosso quadro, como se fizesse parte da equipe. A ideia era humilhar a gente, mostrando como um cara pirado era mais eficiente do que nós. O nome dele ficava lá, e, toda vez que o Coringa, o Duas-Caras ou quem quer que fosse matava alguém e a gente não resolvia o

caso... o nome da vítima ia pra debaixo do nome do morcego, como se o caso passasse a ser dele. Quando assumiu o turno da noite, o Probson mandou apagar aquilo... ele falou que desmoralizava a equipe. O Charlie respondeu: *mas esse é o objetivo, tenente*. Ele queria aquilo sempre lembrando a gente que, se não fizessemos o trabalho, outra pessoa faria. (BRUBAKER; RUCKA, 2015, 25)

Aqui, na fala do sargento Davies, Brubaker e Rucka reforçam a ideia, já pincelada anteriormente, da superioridade que o Batman apresenta sobre os policiais nas histórias, e é evidente a história irá se repetir.

Os detetives do Departamento de Polícia podem se mostrar eficientes para resolver crimes mundanos, cometidos por criminosos usuais. Porém, como Fields fez questão de reforçar, quando a situação envolve um super-criminoso, os policiais não conseguem demonstrar capacidade suficiente para prendê-los, e por isso, um vigilante justiceiro, que não segue as regras, se torna a principal linha de defesa contra criminosos “malucos”.

Dessa forma, Batman cumpre com as expectativas de Fields, desmoralizando a equipe, fazendo o trabalho que eles deveriam fazer, mas não conseguem, “perdendo” para um vigilante em uma fantasia de morcego. Para Sílvio Antonio Luiz Anaz, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, ao citar Gary Hoppenstand, em seu artigo *O sucesso do arquétipo do herói vigilante: ciência, tecnologia e ética na trilogia cinematográfica O Cavaleiro das Trevas*, ele define o vigilante da seguinte forma:

[...] a personificação do vigilante é a de um indivíduo que renuncia aos mecanismos burocráticos do sistema legal para alcançar a ‘justiça’ com as próprias mãos, por estar desiludido com a ineficiência desse sistema, tornando-se juiz, júri e executor. Ele desafia a lei para poder defender os ideais da lei. (ANAZ, 2016, 14)

Ao analisar este trecho do ponto de vista jurídico, encontra-se um paradoxo. Pois, ao infringir a lei para “defendê-la”, Batman, automaticamente, se torna tão criminoso quanto os vilões que ele combate em Gotham, não por estar praticando atos de vingança pessoais contra criminosos como o Coringa, mas por estar fazendo justiça com as próprias mãos, o que, de forma alguma dentro de um estado democrático de direito, é justiça.

De volta à história, Driver sai do vestiário e vai até a sala do comissário Michael Akins, após desligar o telefone, no qual conversava com o prefeito. Akins dá seus pêsames pela morte do detetive Charlie Fields e pede para Marcus se sentar. Em

seguida, Driver pede algo inusitado ao comissário, que não acione o sinal no telhado do prédio do Departamento, que não peça a ajuda do Batman. “Nós precisamos pegar esse demente sozinhos. Ele transformou o Charlie em cubos de gelo, comissário. A gente tem que pegar o cara sem ajuda externa... Em respeito ao Charlie... e a nós mesmo” (BRUBAKER; RUCKA, 2015, 27), apela Fields a Michael.

Nesse momento, Brubaker e Rucka estabelecem um ponto fora da curva em uma história do homem morcego. Em meio a personagens policiais consagrados que sempre apoiaram o cruzado encapuzado, como o comissário Gordon, o detetive Bullock, ou a detetive Montoya, Marcus Driver é um policial que desgosta do vigilante.

Driver não quer que o comissário Akins ligue o batsinal, pois ele passa a encarar toda a situação de prender o Senhor Frio, o criminoso que matou seu parceiro, como algo pessoal, e que a única forma de fazer honra seria prendendo seu assassino, e não deixando o caso ir para debaixo do nome do morcego no quadro da UCG, como anteriormente acontecia. Marcus acredita que a unidade é suficientemente capaz de descobrir o paradeiro de frio e capturá-lo.

Akins, em seguida, concorda com ele, entretanto, afirma que como o Frio está em Gotham, há mais em jogo do que o orgulho deles, e então pergunta: “[...] você acha que eu posso parar o Batman simplesmente não pedindo que ele nos ajude?” (BRUBAKER; RUCKA, 2015, 25). Em contrapartida, Driver afirma que eles precisam fazer com o Batman entenda o que significa para eles ligar o “maldito” sinal, que eles não podem ligar o sinal. Identificando o luto no detetive, o comissário tenta consolá-lo informando que ele só pretende chamar o Batman se for absolutamente necessário, e que quer, tanto quanto ele, que os detetives resolvam o caso.

É importante observar que por trás da piedade e coleguismo apresentado na revista, a mesma também demonstra que o nível de despreparo dos agentes é tanto que confundem sentimentos pessoais com trabalho, se envolvendo emocionalmente em suas ações, e perdendo o foco institucional, profissional e ético. Ou seja, a polícia não é confiável.

Em seguida, os detetives Allen e Montoya voltam da cena do crime e pedem que Driver vá até a sala de interrogatório para prestar seu depoimento sobre o ataque do Senhor Frio. Na sala, Driver é questionado sobre ele e seu antigo parceiro terem sido enviados para uma armadilha, o que ele diz não ser o caso, pois o informante era só um viciado tentando descolar uma grana. Allen e Montoya então questionam qual seria a lógica de Frio tê-lo deixado vivo, já que, obviamente, a polícia colocaria toda a força tarefa atrás dele, inclusive o morcego.

Ao ouvir a afirmação de Crispus sobre o Frio, possivelmente, querer a atenção do Batman, Driver pede ao companheiro para deixar o vigilante fora da conversa, demonstrando mais uma vez seu pensamento contrário ao encapuzado.

Por fim, Renee conclui que deixar Marcus vivo, somente pelo prazer de vê-lo sofrer com a morte do amigo não é do perfil do Senhor Frio, pois ele não é só um maluco como o Coringa, ele é mais esperto que isso. Driver ter permanecido vivo poderia ser uma mensagem para Frio mostrar à polícia como ele é mais inteligente, pois como Montoya disse anteriormente, Frio poderia ter matado os dois e os detetives só iriam descobrir quando Driver e Fields não aparecessem na delegacia, à noite, para trabalhar.

Entretanto, antes de poderem concluir o interrogatório, o sargento Jackson os interrompe dizendo que eles têm uma ligação urgente no aguardo. Frio havia feito outra vítima, finalizando a primeira edição de *Gotham DPGC*.

A segunda edição, que finaliza o arco *No Cumprimento do Dever*, se inicia com os detetives no local do novo ataque do Frio. Lá, encontram o ajudante do vilão, congelado de dentro pra fora no volante de um caminhão. Montoya e Allen deduzem o óbvio, Frio já havia conseguido tudo o que precisava com o ajudante e o “dispensou”, e que, pelo fato dele estar em um caminhão, transportavam algo importante.

Em seguida, enquanto Marcus foi ao necrotério para consolar a esposa de Charlie, no prédio do Departamento de Polícia, todos os detetives se reuniram para ajudar a prender o Senhor Frio. Às 12:17 horas da tarde, Montoya passa todas as informações do caso aos colegas: como Frio depende do traje para sobreviver; se o traje consome diamantes; com o super-vilão usa os sentimentos de suas vítimas. Os policiais não sabem aonde será o ataque, somente que será algo grande, e que deve acontecer logo, pois Victor Fries sabe que assim que anoitecer ele terá mais alguém no seu encalço, um morcego.

Os policiais, então, começam a seguir pistas e a fazer interrogatórios por Gotham. Às 15 para meia dia, Josh Azeveda e Trey Hartley foram interrogar ex-capangas do Senhor Frio, sem obter resultados significativos para ajudar na investigação.

Às 13:30 horas, o sargento Jackson “Sarja” Davies e seu parceiro detetive Crowe foram interrogar um vendedor de diamantes de Gotham, entretanto ele não reportou nenhum roubo recente das pedras preciosas ou algum roubo de material.

Às 14:15 horas, a detetive Romy Chandler e seu parceiro Nate Patton foram interrogar um contrabandista do mercado negro de diamantes, que disse ter ouvido sobre alguém ter roubado vinte milhões em diamantes da máfia odessa e que os russos estavam procurando pelo ladrão. Às 15:30 horas, o sargento Del Arrazio e a detetive Andi

Kasinsky foram interrogar um vendedor de suprimentos médicos, sem obter resultados significativos.

Às 16:05 horas, a detetive Dagmar Procnjnow, e seu parceiro, Tommy Burke foram até a empresa *Calafrio Criogênica* para checar se algo havia sido roubado do inventário da empresa recentemente, não é mostrado o resultado da checagem pelos quadrinistas.

Às 17:45 horas, o detetive Eric Cohen e a detetive Joely Bartlett foram até uma loja de suprimentos para restaurantes, procurar por vendas de freezers, o vendedor afirmou só ter vendido dois em toda a história da loja, um para Bruce Wayne, alguns anos atrás durante a *Terra de Ninguém*, e outro para o Governo, mais especificamente, para a Guarda Nacional.

Às 16:35 horas, a detetive Renee Montoya e seu parceiro, Crispus Allen, foram checar as redondezas do hotel do começo da história, lá Allen diz que entende a preocupação do Driver, mas sabe que o caso vai acabar nas mãos do Batman, pois entende que eles não estão atrás de um bandido qualquer, e deseja acionar o batsinal. Renee ironiza a afirmação do parceiro, lembrando-o que ele não era fã do morcego quando entrou pra polícia, e, após isso, ambos voltam à delegacia.

Vale ressaltar, na fala do detetive Allen, sua opinião sobre o cavaleiro das trevas. Crispus entende que o Batman é necessário em Gotham por a cidade não ser “normal”, e por conta dos policiais não lidarem com criminosos “normais”, eles não possuem o luxo de ter um herói que age dentro dos limites da lei, como o Superman em Metrópolis. Scott Volland e Cary D. Adkinson destacam essa dicotomia entre o escoteiro azul e o homem morcego, no artigo *The portrayal of crime and justice in the comic book superhero mythos*, da Faculdade de Justiça Criminal, da Universidade Estadual de Sam Houston:

[...] Para o Batman, as coisas não são tão claras. A linha entre o bem e o mal está borrada. Aqueles que representam a lei e a justiça nem sempre são os bons. Em Gotham City há funcionários corruptos e policiais irresponsáveis. Não é surpresa que Batman se sinta obrigado a trabalhar fora dos limites da lei, enquanto o Superman trabalha apenas dentro dos limites da lei. A natureza da sociedade em Metrópolis é de consenso em relação a valores e normas. Gotham City, por outro lado, representa um estado de conflito no qual o bem e o mal brotam do mesmo lugar e onde o que é certo e errado nem sempre é acordado. (tradução livre)¹⁴

¹⁴ “For Batman, things are not so clear-cut. The line between good and evil is blurred. Those representing law and justice are not always the good guys. In Gotham City there are corrupt officials and irresponsible law

De volta à delegacia, cada um dos detetives contou aos outros o que descobriram em suas investigações. Todos começam a fazer deduções, quando, no fundo da sala, Driver começa a relembrar o que o Senhor Frio lhe disse mais cedo naquele dia, sobre “ensinar uma lição” a ele. Driver diz a todos que Frio vai atacar a cerimônia de formatura policial na Universidade Estadual de Gotham, e Renee percebe que ele tem razão.

Ao descobrir os planos de Frio, Driver vai até a sala do comissário Akins e volta atrás em sua decisão anterior. Marcus diz que Akins precisa ligar o sinal naquele instante, pois havia muitas vidas em jogo, e era algo grande demais para os policiais.

Nesse momento, Brubaker e Rucka criam uma reviravolta no enredo, fazendo referência ao *foreshadowing* já destacado no começo do artigo. O policial que desde o começo da história demonstrava não querer o envolvimento do Batman no caso, pois queria resolver o caso sem o vigilante para honrar seu falecido parceiro, agora decide chamar o fora-da-lei para prender o assassino de seu amigo. Batman, então, é o mal necessário.

Driver, Akins e Stacy, secretária da Unidade de Crimes Graves, sobem até o terraço do Departamento de Polícia, onde fica o batsinal. Lá, Driver pede ao comissário para acionar o sinal, no entanto, Akins diz que Driver não tem permissão para fazê-lo, dizendo: “O DPGC não pode tocar no batsinal; nem, de qualquer forma oficial, admitir a existência do Batman. [...] É um contrassenso, eu sei.” (BRUBAKER; RUCKA, 2015, 47). Akins, então, pede que Stacy, a secretária, ligue o sinal, e, em alguns segundos, o Batman surge atrás dos três, e eles explicam o plano.

Aqui, Brubaker e Rucka apresentam ao leitor um elemento de uma forma inédita, criado nesta revista, mas que faz muito sentido. Os policiais não podem admitir a existência de um vigilante, um justiceiro, um fora-da-lei que trabalha juntamente com a polícia de Gotham, e a forma mais simples de admitir isso seria acionando o batsinal, e como Stacy não trabalha diretamente com a polícia, algo que é mais explicado futuramente na revista, ela é a única pessoa na delegacia com “autorização” para acioná-lo. Ou seja, sua ação não resultaria em agravo para os policiais.

Entretanto, mesmo não podendo admitir oficialmente essa vinculação do DPGC ao vigilante, assim como Gordon, Akins mantém o batsinal no telhado e rotineiramente

enforcement officers. It is no surprise that Batman feels compelled to work outside the confines of the law, while Superman works only within the bounds of the law. The nature of society in Metropolis is one of consensus regarding values and norms. Gotham City, on the other hand, represents a state of conflict in which good and evil spring from the same place and where what is right and wrong is not always agreed upon.” VOLLUM, Scott; ADKINSON, Cary. *The portrayal of crime and justice in the comic book superhero mythos*. Albany.edu. Disponível em: <<https://www.albany.edu/scj/jcipc/vol10is2/vollum.html>> Acesso: 24 jul. 2019.

ilumina os céus da cidade com o símbolo do morcego. Uma explicação que pode ser apresentada para essa decisão é destacada no livro *A política da polícia*, de Robert Reiner (2004).

Nele, após a apresentação de vários estudos sobre a eficácia policial, Reiner conclui que ela é mais eficaz quando realizada com consentimento, cooperação e conhecimento do público. Assim, a decisão de Akins é acertada, pois os gothamitas possuem pleno conhecimento que seus protetores oficiais trabalham conjuntamente com aquele que é considerado o “guardião de Gotham”.

Na sequência do encontro do homem morcego com os policiais, a história segue direto para a Universidade Estadual de Gotham. Os detetives conversam por rádio em balões dispersos pela página, enquanto o leitor acompanha o Sr. Frio subir silenciosamente para o telhado com seu equipamento criogênico.

A cerimônia da colação de grau se inicia, os detetives continuam procurando Fries, enquanto ele começa a instalar seu dispositivo na ventilação do prédio no telhado, é nesse momento que o Batman surge atrás dele. Tudo que o leitor vê é a cara de desespero do Frio e a capa gigante de Batman aberta caindo sobre ele. Pode-se notar aqui uma correlação com o início da história, quando Frio se mostra confiante atacando dois detetives armados, mostrando ser superior e não temer o DPGC, mas ter calafrios a respeito do vigilante de Gotham, cuja mera presença já o deixa “congelado”.

Assim, rumo às últimas páginas da história, no interior do salão da cerimônia, onde o ex-comissário James Gordon está discursando para os alunos da universidade, e os detetives continuam na busca.

Enquanto Gordon discursa, Montoya fica parada, ouvindo as palavras de seu antigo chefe, quando o Batman aparece atrás dela, dizendo “Acabou. [...] Ele está no telhado. Não dará trabalho” (BRUBAKER; RUCKA, 2015, 52), e vai embora. Por fim, na última página da segunda edição, finalizando o arco *No Cumprimento do Dever*, Renee liga para Driver e conta que Batman capturou Frio e o deixou no telhado. Após desligar a ligação, Marcus olha para o lado, e Batman está ao lado de seu carro, encarando-o. Driver o chama de “maldito”, e dirige embora, com Batman observando-o ao longe, e lê-se “FIM”.

A vida é cheia de leis e problemáticas

Agora, após o desfecho da história contada no primeiro arco de *Gotham DPGC*, segue-se agora para uma análise mais focada em momentos chaves da história, mas com um olhar mais jurídico sobre as ações do cavaleiro das trevas.

Dessa forma, de acordo com informações oficiais divulgadas pela própria *DC Comics*, se a cidade ficcional de Gotham realmente existe-se nos Estados Unidos, ela estaria localizada no estado de Nova Jersey. E, com base nessa informação, serão analisados artigos do Código Penal de Jersey para analisar os atos do vigilante encapuzado de Gotham.

De acordo com o *Código de Justiça Criminal de Nova Jersey*, o ato de ser um “vigilante”, no caso do Batman, pode ser considerado um crime, de acordo com o descrito no capítulo 1, seção: 2C:1-2^a, os objetivos gerais das disposições que regem a definição de infracções são:

- (1) To forbid, prevent, and condemn conduct that unjustifiably and inexcusably inflicts or threatens serious harm to individual or public interests;
- (2) To insure the public safety by preventing the commission of offenses through the deterrent influence of the sentences authorized, the rehabilitation of those convicted, and their confinement when required in the interests of public protection;
- (3) To subject to public control persons whose conduct indicates that they are disposed to commit offenses;¹⁵

O homem morcego estaria cometendo diversas infrações em Gotham, de acordo com o descrito no item 1, por indevidamente causar danos sérios a interesses públicos, como dificultar o trabalho regular dos policiais no combate ao crime na cidade.

O Batman, age, ainda, de acordo com o item 3, treinando parceiros para suas empreitadas em Gotham, no caso, os cinco Robins que o personagem já teve ao decorrer de seus mais de 80 anos de Histórias em Quadrinhos, como o primeiro Robin, Dick Grayson, que posteriormente se tornou um herói independente, o Asa Noturna; ou o segundo Robin, Jason Todd, que foi assassinado pelo palhaço do crime, o Coringa; ou o filho de Bruce Wayne, o quinto e atual Robin, Damian Wayne.

Seguindo a leitura do *Código de Justiça Criminal de Nova Jersey*, no capítulo 39, seção: 2C:39-13, lê-se o seguinte:

1. Unlawful use of body vests. A person is guilty of a crime if he uses or wears a body vest while engaged in the commission of, or an attempt to commit, or flight after committing or attempting to commit murder, manslaughter, robbery, sexual assault, burglary, kidnaping,

¹⁵ UNITED STATES OF AMERICA. New Jersey Revised Statutes (2018). The New Jersey Code of Criminal Justice. New Jersey: New Jersey Legislature, 2018.

criminal escape or assault under N.J.S.2C:12-1b. Use or wearing a body vest while engaged in the commission of, or an attempt to commit, or flight after committing or attempting to commit a crime of the first degree is a crime of the second degree. Otherwise it is a crime of the third degree.

As used in this section, "body vest" means bullet-resistant body armor which is intended to provide ballistic and trauma protection.¹⁶

Dessa forma, um detalhe muito superficial no uniforme do Batman é classificado como crime, o uso de um colete à prova de balas, visto que todo o uniforme do homem morcego é revestido por materiais resistentes a projéteis balísticos, como kevlar.

Por exemplo, no *video game Batman: Arkham Knight*¹⁷, no qual, em determinado momento da história, ao receber um tiro de uma pistola no peito, Batman cai, mas logo se levanta ao se recuperar do impacto, e ao ser questionado como continua vivo, ele mostra a bala cravada no morcego no peito de seu uniforme, e explica ser o local com mais revestimento a prova de balas, por ser onde os criminosos mais miram ao atirar contra ele.

Ainda mais, no capítulo 2 do Código, no ítem b, são descritos os tipos de culpabilidade, dessa forma, enquadram-se as condutas do Batman em um dos quatro tipos, sendo eles:

(1) Purposely. A person acts purposely with respect to the nature of his conduct or a result thereof if it is his conscious object to engage in conduct of that nature or to cause such a result. A person acts purposely with respect to attendant circumstances if he is aware of the existence of such circumstances or he believes or hopes that they exist. "With purpose," "designed," "with design" or equivalent terms have the same meaning.¹⁸

De certo, Batman age deliberadamente em relação com a natureza de suas condutas em Gotham ou dos resultados que elas causam, e está ciente de tais circunstâncias. Por exemplo, como demonstrado em *Gotham DPGC* o morcego faz os detetives “relaxarem”, pois, sabem que se não conseguirem solucionar o caso e prender o Senhor Frio, ele passará para a “jurisdição” do vigilante. Às vezes, de forma, até literal,

¹⁶ UNITED STATES OF AMERICA. New Jersey Revised Statutes (2018). The New Jersey Code of Criminal Justice. New Jersey: New Jersey Legislature, 2018.

¹⁷ Rocksteady Studios. *Batman: Arkham Knight*. Playstation 4. Londres: Rocksteady Studios, 2015. Blu-Ray.

¹⁸ UNITED STATES OF AMERICA. New Jersey Revised Statutes (2018). The New Jersey Code of Criminal Justice. New Jersey: New Jersey Legislature, 2018.

como relatada pelo sargento Sarja na história, ao contar para o detetive Driver sobre o nome do “morcego” ficar no quadro de casos na delegacia.

Entretanto, não é possível afirmar que Batman soubesse da existência de seu nome no quadro, pois em nenhum momento é dito que ele sabia, ou que tenha conhecimento das atitudes dos detetives a respeito dele resolver seus casos, apesar de saber que alguns deles não nutrem simpatias pelo mesmo, como o detetive Driver demonstrou na última cena do Quadrinho.

Em seguida, se tem o item 2:

(2) Knowingly. A person acts knowingly with respect to the nature of his conduct or the attendant circumstances if he is aware that his conduct is of that nature, or that such circumstances exist, or he is aware of a high probability of their existence. A person acts knowingly with respect to a result of his conduct if he is aware that it is practically certain that his conduct will cause such a result. "Knowing," "with knowledge" or equivalent terms have the same meaning.¹⁹

Provavelmente, Batman tem ciência da alta probabilidade da existência da natureza de suas condutas como vigilante. Contudo, o quadrinho não fornece informações suficientes para afirmar que o homem morcego saiba que é praticamente certo que seus atos causarão o resultado já citado acima nos policiais.

Em seguida, se tem o item 3:

(3) Recklessly. A person acts recklessly with respect to a material element of an offense when he consciously disregards a substantial and unjustifiable risk that the material element exists or will result from his conduct. The risk must be of such a nature and degree that, considering the nature and purpose of the actor's conduct and the circumstances known to him, its disregard involves a gross deviation from the standard of conduct that a reasonable person would observe in the actor's situation. "Recklessness," "with recklessness" or equivalent terms have the same meaning.²⁰

¹⁹ UNITED STATES OF AMERICA. New Jersey Revised Statutes (2018). The New Jersey Code of Criminal Justice. New Jersey: New Jersey Legislature, 2018.

²⁰ UNITED STATES OF AMERICA. New Jersey Revised Statutes (2018). The New Jersey Code of Criminal Justice. New Jersey: New Jersey Legislature, 2018.

Saindo do exemplo das condutas dos policiais, de fato, em algumas histórias, Batman é imprudente em suas ações, seguindo a definição do *Código de Justiça Criminal de Nova Jersey*.

O homem morcego já agiu de forma que desconsiderava riscos substanciais que resultaram de sua conduta, como em *Batman: Cavaleiro Branco* (MURPHY, 2018), de Sean Murphy, no qual, na primeira edição, ao perseguir o Coringa por Gotham, Bruce passa por cima de telhados de casas com o batmóvel, destruindo os mesmos e partes do interior da residência. A conduta descrita confere com o mencionado no ítem 3, “[...] a *gross deviation from the standard of conduct that a reasonable person would observe in the actor's situation*.”²¹ Inegavelmente, se Batman joga pelas regras, em hipótese alguma ele agiria de tal forma.

Por último, se tem o ítem 4:

(4) Negligently. A person acts negligently with respect to a material element of an offense when he should be aware of a substantial and unjustifiable risk that the material element exists or will result from his conduct. The risk must be of such a nature and degree that the actor's failure to perceive it, considering the nature and purpose of his conduct and the circumstances known to him, involves a gross deviation from the standard of care that a reasonable person would observe in the actor's situation. "Negligently" or "negligence" when used in this code, shall refer to the standard set forth in this section and not to the standards applied in civil cases.²²

Por certo, os quadrinistas tentam desenhar um Batman que tem consciência de suas ações, mesmo, por vezes, agindo imprudentemente, como citado mais acima. Não chega a ser negligente, pois está ciente dos riscos substanciais que seus atos podem provocar na cidade, e, principalmente, em civis pela cidade. Porém, quem acharia normal ter seu telhado rasgado por um automóvel em alta velocidade, quebrando tudo ao seu redor, e embaixo, dentro da própria casa?

Em suma, ao classificar o tipo de culpabilidade que Batman apresenta quando realiza seus atos de vigilantismo em Gotham, pode-se classificá-lo em duas categorias: Propositadamente e Negligentemente. Enquadrando o homem morcego em mais condutas tipificadas pelo *Código de Justiça Criminal de Nova Jersey*.

²¹ UNITED STATES OF AMERICA. New Jersey Revised Statutes (2018). The New Jersey Code of Criminal Justice. New Jersey: New Jersey Legislature, 2018.

²² UNITED STATES OF AMERICA. New Jersey Revised Statutes (2018). The New Jersey Code of Criminal Justice. New Jersey: New Jersey Legislature, 2018.

Por fim, seguindo a leitura do Código Penal, o último capítulo que será destacado neste artigo, o capítulo 29, sendo ele a obstrução da administração da lei ou outra função governamental:

a. A person commits an offense if he purposely obstructs, impairs or perverts the administration of law or other governmental function or prevents or attempts to prevent a public servant from lawfully performing an official function by means of flight, intimidation, force, violence, or physical interference or obstacle, or by means of any independently unlawful act. This section does not apply to failure to perform a legal duty other than an official duty, or any other means of avoiding compliance with law without affirmative interference with governmental functions.²³

Inquestionavelmente, como já apresentado diversas vezes neste artigo, Batman interfere direta e indiretamente na administração das leis de Nova Jersey, e na função governamental da polícia. Pois, ao “lutar contra o crime”, o mesmo já está quebrando a lei, já que, para fazer isso, Bruce Wayne deveria vestir um uniforme de policial, e não uma fantasia de morcego. Ou seja, os quadrinistas tentam, de forma sedutora e convincente mostrar a importância do papel do justiceiro. Porém, as imagens mostram um homem muito rico, vingativo, sem obrigações em cumprir a lei, se utilizando de métodos questionáveis para resolver os problemas de uma polícia incapaz de usar corretamente o dinheiro público.

A interferência do Homem Morcego

Seguindo o raciocínio, volta-se ao questionamento: Como Greg Rucka e Ed Brubaker realmente entendem a interferência causada pelo Batman dentro do Departamento de Polícia? Por certo, ao decorrer do artigo, foram observadas diversas situações que comprovam a interferência do vigilante no trabalho dos detetives da Unidade de Crimes Graves, agora, cada uma delas será analisada.

O primeiro destaque de interferência, embora singelo, acontece nas primeiras páginas de *Gotham DPGC*, quando o detetive Driver explica para o Senhor Frio que nenhum policial seria doido de encará-lo sem nenhum reforço. Esse momento reforça o “peso” do Batman em Gotham, pois o vigilante luta sozinho, contando somente com seus

²³ UNITED STATES OF AMERICA. New Jersey Revised Statutes (2018). The New Jersey Code of Criminal Justice. New Jersey: New Jersey Legislature, 2018.

caros apetrechos em seu cinto de utilidades, contra os mesmo criminosos que os detetives, armados, não conseguem lidar.

O segundo destaque que Rucka e Brubaker nos mostram está na história que o sargento Jackson “Sarja” Davies conta a Marcus no vestiário. O sargento fala sobre o nome do morcego estar listado no quadro de casos da UCG, e que quando um detetive não conseguia resolver um caso, normalmente envolvendo um super-criminoso, como o Coringa, o Pinguim, e etc, o caso passava para debaixo do nome do Batman, como se o caso passasse a ser de responsabilidade dele, já que os detetives não conseguiriam prender o super-criminoso.

Aqui, a dupla ressalta o crime do capítulo 29, citado mais acima, da obstrução da administração da lei ou de outra função governamental, que Batman repetidamente cometia nessa situação, ao capturar os criminosos que os detetives deveriam prender.

Logo após a conversa, outra cena em que o Batman está inserido indiretamente, quando Drive pede ao comissário Akins para que ele não acione o batsinal. Marcus argumenta que ligar o sinal no telhado é um desestimulante para toda a equipe, mas na verdade, um fora-da-lei ter um sinal no topo da delegacia da cidade significa muito mais que isso.

Primeiro, o batsinal mostra para toda Gotham que os policiais são incompetentes e o único “salvador” deles, quem realmente trabalha para manter Gotham segura, é o Batman, pois sempre que alguém como Bane, ou a Hera Venenosa atacam a cidade, os detetives sobem ao telhado e iluminam os céus de Gotham com o símbolo do morcego, terceirizando o problema para a iniciativa privada, que possui recursos e inteligência para fazer o trabalho que o setor público se apresentou como ineficiente.

Segundo, os policiais passam a trabalhar ao redor do Batman, como acontece no terceiro arco de *Gotham DPGC*, quando, no fim da história, o homem morcego liberta e encontra o local onde uma policial do Departamento está sendo mantida refém pelo Duas-Caras, e tudo que os policiais fazem é segui-lo, enquanto ele se balança pelos telhados até o local para prender o criminoso após a captura.

Após o pedido de Driver, a próxima cena relevante com interferência indireta do morcego na história é justamente o contraponto com a cena anterior, quando Marcus muda de ideia, ao perceber a gravidade da situação, e volta atrás no seu pedido ao comissário sobre não ligar o batsinal. Aqui, Brubaker e Rucka voltam a ressaltar para o leitor a incompetência que os policiais desempenham no trabalho que por direito é deles, mas é “melhor exercido” por um “maluco”, fora-da-lei, vestido numa fantasia de morcego.

A cena também se liga a uma que havia acontecido alguns quadros antes na história, quando, na investigação de campo, o detetive Allen comenta com Montoya sobre saber que o caso iria terminar resolvido pelo Batman, pois eles não estavam atrás de um simples assaltante de joalherias ou um ladrão de becos, mas sim com um super-criminoso, o Senhor Frio.

Por fim, Batman passa a participar ativamente da história, após Akins e Driver terem explicado o caso para ele no telhado do DPGC. Os policiais vão para a Universidade de Gotham, procuram, sem sucesso, por Frio, porém, após acompanhar toda a investigação policial por mais de 200 quadros diferentes ao decorrer de duas edições da revista, quem resolve tudo e captura Victor Fries, tendo aparecido em somente em cinco quadros em toda a história, é o vigilante encapuzado de Gotham.

Dessa forma, seguindo o pensamento de Umberto Eco, ressaltado, pelo já citado, Lucas Soares, no artigo *Séries de TV e o Politicamente Incorreto: crítica à cultura norte-americana e suas facetas morais*, Brubaker e Rucka representam o belo como feio na figura do homem morcego:

[...] embora existam seres e coisas feias, a arte tem o poder de representá-los de modo belo, e a Beleza (ou pelo menos a fidelidade artística) dessa imitação torna o Feio aceitável. Os testemunhos dessa concepção não faltam, de Aristóteles até Kant. Se nos restringirmos, portanto, a tais reflexões, a questão é simples: existe o Feio, o que nos repugna em estado natural, mas que se torna aceitável e até agradável na arte, que exprime e denuncia “belamente” a feiúra do Feio, entendido em sentido físico e moral. (ECO, 2004, 133)

Assim, embora o vigilante seja um fora-da-lei, aos olhos jurídicos, o leitor simpatiza com o personagem e apoia sua cruzada contra o crime, o considerando um herói. Tornando o “feio”, a criminalidade de sua atuação, como “belo”, o transformando em herói. E Eco faz, ainda, mais um questionamento sobre a questão do embelezamento do feio, ramificando mais a moral e a ética das ações do Batman retratadas nas HQs, “Mas até que ponto uma bela representação do feio (e do monstruoso) não o torna fascinante?” (ECO, 2004, 133).

Na cena final do filme *Batman: O Cavaleiro das Trevas*, do diretor Christopher Nolan, o roteiro apresenta bem essa dicotomia apresentada por Eco. Após a morte do promotor Harvey Dent, transformado no vilão Duas-Caras, pelo Coringa, Batman afirma que Gotham precisa de um herói de verdade, se referindo a Dent, pedindo que Gordon

não revele que ele havia matado cinco pessoas no filme, e pondo a culpa nele, para não deixar o Coringa ganhar, e complementa: “Ou você morre herói, ou vive o bastante para ver você mesmo virar vilão. Eu posso ser as duas coisas. Porque não sou herói, não como Harvey. [...] Eu sou o que Gotham precisar”²⁴.

Batman, então, foge, fazendo a polícia perseguí-lo, assumindo a culpa por algo que não cometeu. Ao ver a cena, o filho do comissário Gordon pergunta, inocentemente, por que ele está fugindo se não havia feito nada de errado. E Gordon responde: “Porque ele é o herói que Gotham merece, mas não é o de que ela precisa agora. Então vamos caçá-lo. Porque ele aguenta. Porque ele não é um herói, é um guardião silencioso, um protetor cuidadoso. Um Cavaleiro das Trevas.”²⁵

Nestes dois últimos diálogos, Nolan confirma o que Eco disse, tornando o feio, que o Batman representa, no belo, para o espectador. Fazendo justamente o oposto dentro da história do filme, dando o papel de feio para o homem morcego, perante a sociedade gothamita, e o belo para o falecido promotor Harvey Dent.

Por certo, Batman é um personagem fascinante, em seus mais de 80 anos de história já mudou diversas vezes de abordagem, indo do cômico e infantil até o sombrio e adulto, porém, algo sempre se manteve no personagem, a capacidade de quebrar diversas leis e não ser questionado se seus fins realmente justificam seus meios. Hoje, entretanto, com os avanços no pensamento político e social dos leitores, a visão jurídica sobre personagens, já consagrados, está cada vez mais comum e jamais deverá recair nas sombras do esquecimento.

Considerações finais

O problema formulado no início deste artigo consistiu em estudar o comportamento e a interferência causada pelo Batman na mecânica policial tratada no quadrinho estadunidense, *Gotham DPGC*. Neste sentido, apresentam-se as seguintes conclusões.

Foi comprovado, por meio da análise das duas primeiras edições de *Gotham DPGC*, que o Batman influencia de diversas maneiras, direta e indiretamente, o funcionamento do Departamento de Polícia e o trabalho dos detetives. Como quando ele assumia a responsabilidade de resolver os casos que os policiais não conseguiam

²⁴ **Batman**: O Cavaleiro das Trevas. Direção de Christopher Nolan. Chicago: Warner Bros. Pictures, 2008. DVD.

²⁵ **BATMAN**: O Cavaleiro das Trevas. Direção de Christopher Nolan. Chicago: Warner Bros. Pictures, 2008. DVD.

resolver, por meio do quadro de casos na UCG, pondo em risco a mecânica do trabalho policial, sendo feito por alguém não qualificado para o mesmo.

Dessa forma, este artigo também encontrou a resposta para a problemática inicial, pois os autores Greg Rucka e Ed Brubaker, souberam retratar bem essas interferências causadas pelo Batman ao decorrer da história, como citado por Brubaker na sua entrevista ao site CBR, “preparar o terreno” para diversos outros arcos que viriam a seguir no quadrinho.

A pesquisa foi importante para entender como uma figura vista, por qualquer leitor de quadrinhos, como um herói e um ideal de justiça, na verdade, é muito mais profundo do que isso, visto que, para atingir seu objetivo de livrar Gotham do crime, Bruce Wayne se torna sujeito do que quer combater, ao se fantasiar de morcego e interferir no trabalho de policiais e detetives, verdadeiros responsáveis por este trabalho, e no funcionamento do Estado, em busca da sua cruzada por vingança.

Nutre-se esperança que este artigo possa continuar motivando outros similares, usufruindo de Histórias em Quadrinhos, filmes, animações, mangás e videogames, desmistificando personagens, grupos ou conceitos já enraizados na cultura pop, mas que ainda reservam muito à serem explorados.

REFERÊNCIAS

ANAZ, Sílvio. O sucesso do arquétipo do herói vigilante: ciência, tecnologia e ética na trilogia cinematográfica O Cavaleiro das Trevas. São Paulo, USP, 2016.

BATMAN: O Cavaleiro das Trevas. Direção de Christopher Nolan. Chicago: Warner Bros. Pictures, 2008. DVD.

BATMAN: O Cavaleiro das Trevas. Direção de Christopher Nolan. Chicago: Warner Bros. Pictures, 2008. DVD.

BRUBAKER, Ed. Capitão América: O Homem que Comprou a América. São Paulo: Panini Books, 2014.

BRUBAKER, Ed. Demolidor: O Demônio do Pavilhão D. São Paulo: Panini Books, 2018.

BRUBAKER, Ed. Mulher-Gato: Um Crime Perfeito. São Paulo: Eaglemoss, 2016.

BRUBAKER, Ed; RUCKA, Greg. Gotham DPGC: No Cumprimento do Dever. São Paulo: Panini Books, 2015.

DEL MANTO, Leandro. Supremo: A Era de Bronze: Finalmente no Brasil as tão esperadas histórias inéditas do Supremo!. Devir.com.br. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20110916043538/http://devir.com.br/hqs/supremos_003.php> Acesso: 09 jul. 2019.

ECO, Umberto. História da Beleza. Rio de Janeiro, Record, 1ª edição. 2004.

EISNER, Will. Quadrinhos e arte sequencial: Princípios e práticas do lendário cartunista. Tradução Luís Carlos Borges, Alexandre Boide. 4ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GUIA DOS QUADRINHOS. DC (Vertigo). Guiadosquadrinhos.com. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/editora-estrangeira/dc-\(vertigo\)/155](http://www.guiadosquadrinhos.com/editora-estrangeira/dc-(vertigo)/155)> Acesso: 12 dez. 2020

HOPPENSTAND, G. Justified Bloodshed: Robert Montgomery Bird's Nick of the Woods and the Origins of the Vigilante Hero. American Literature and Culture in Journal of American Culture, v. 15, n. 2, p. 51-61, jun. 1992.

MCCLOUD, Scott. Desvendando os quadrinhos. São Paulo: M.books do Brasil, 2005.

MURPHY, Sean. Batman: Cavaleiro Branco 01. São Paulo: Panini, 2018.

O'NEIL, Dennis. Lanterna Verde/Arqueiro Verde: Na Estrada. São Paulo: Eaglemoss, 2017.

REINER, Robert. A política da polícia. São Paulo, EDUSP, 3ª Ed. 2004.

ROCKSTEADY STUDIOS. Batman: Arkham Knight. Playstation 4. Londres: Rocksteady Studios, 2015. Blu-Ray.

RUCKA, Greg. 52: O Fundo do Poço. São Paulo: Panini Books, 2007.

RUCKA, Greg. Batman: Terra de Ninguém Parte 1. São Paulo: Eaglemoss, 2016.

RUCKA, Greg. Mulher-Maravilha: Hiketeia. São Paulo: Panini Books, 2003.

RUCKA, Greg. Mulher-Maravilha: Renascimento 01. São Paulo: Panini Books, 2017.

SIMS, Chris. Batman is a fact of life: Greg Rucka reflects on his Batman work, part three. Comicsalliance.com. Disponível em: <<https://comicsalliance.com/batman-greg-rucka-gotham-central-interview-retrospective-part-three/>>. Acesso: 24 jun. 2019.

SIMS, Chris. Ed Brubaker looks back on Batman, part two: Gotham Central and The Man Who Laughs. Comicsalliance.com. Disponível em: <[https://comicsalliance.com/ed-brubaker-looks-](https://comicsalliance.com/ed-brubaker-looks-back-on-batman-part-two-gotham-central-and-the-man-who-laughs/)

[back-on-batman-part-two-gotham-central-and-the-man-who-laughs/](https://comicsalliance.com/ed-brubaker-looks-back-on-batman-part-two-gotham-central-and-the-man-who-laughs/)>. Acesso: 24 jun. 2019.

SINGH, Arune. The Beat (Part 1): Ed Brubaker talks 'Gotham Central'. CBR.com. Disponível em: <<https://www.cbr.com/the-beat-part-1-ed-brubaker-talks-gotham-central/>>. Acesso: 22 jun. 2019.

SOARES, Lucas. Séries de TV e o Politicamente Incorreto: crítica à cultura norte-americana e suas facetas morais. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, São Paulo, 2014.

UNITED STATES OF AMERICA. New Jersey Revised Statutes (2018). The New Jersey Code of Criminal Justice. New Jersey: New Jersey Legislature, 2018.

VIANA, Nildo. As histórias em quadrinhos como forma de arte. Revista Ciências Humanas, Goiás, v. 4, n. 11. 2014.

VOLLUM, Scott; ADKINSON, Cary. The portrayal of crime and justice in the comic book superhero mythos. Albany.edu. Disponível em:
<<https://www.albany.edu/scj/jcipc/vol10is2/vollum.html>> Acesso: 24 jul. 2019.

WELDON, Glen. Superman: Uma Biografia não Autorizada. Tradução Débora Guimarães Isidoro. 1ª Ed. São Paulo: Leya, 2016.

WOLK, Douglas. Please, Sir, I Want Some Moore. Slate.com. Disponível em:
<<https://slate.com/culture/2003/12/how-alan-moore-transformed-american-comics.html>>
Acesso: 09 jul. 2019.